



## **Poesia e luta pela terra através das narrativas poéticas das mulheres camponesas**

*Poetry and struggle for land through poetic narratives  
of peasant women*

<sup>1</sup>TAVARES, Jenifer Felipe; <sup>2</sup>FERREIRA, Adriana Amaral.

<sup>1</sup>UFRRJ, jeniferelipee@ufrrj.br <sup>2</sup>; UFRRJ, adrianaferreira@ufrrj.br.

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Cultura Popular, Arte e Agroecologia**

**Resumo:** Estudo realizado como bolsista do Plano de Trabalho “Poesias e Luta pela Terra”, no período de 2022/2023, vinculado ao Projeto de Pesquisa “Cultura popular e estética dos movimentos sociais da América Latina”, vinculado ao Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular (GECEP) a partir dos estudos de composições literárias, focado nas poesias de mulheres camponesas presentes nas coletâneas literárias do MST. Tem por interesse as narrativas, presente nestas literaturas e minimamente articular relações de gênero, luta por terra, agroecologia e cultura. O estudo tem por objetivo principal compreender as formas de representação e construção de uma estética da práxis e resistência dos movimentos sociais, em particular o MST no Brasil. Há nas poesias analisadas, compromisso profundo com a luta por modos justos de vida no campo. Enunciamos aqui, os caminhos para a análise das poesias num desvelar do cotidiano camponês auto-organizado e as especificidades da mulher camponesa.

**Palavras-chave:** agroecologia; feminismo; memória; poesia camponesa; emancipação humana.

#### **Introdução**

O presente resumo trata-se de um desdobramento das investigações das manifestações escritas em contos, músicas, peças teatrais, crônicas, dramas entre outras estruturas narrativas relacionadas aos movimentos sociais e culturais do MST (Movimento dos Sem Terra) com a orientação da Dr.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> Adriana Amaral Ferreira. Portanto, uma continuidade dos estudos presentes nas ações vinculadas a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) pelo edital PIBIC 2021/2022, projeto/pesquisa intitulada: “Cultura popular e estética nos movimentos sociais da América Latina”.

Ainda sobre os estudos abordados, os mesmos desdobram-se nos encontros e articulações do GECEP (Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular); no Projeto “Educação Popular, Movimentos Sociais e Serviço Social”, vinculado ao Programa de Direitos Humanos e Cidadania da PROEXT e do Projeto “Memórias e Movimento” da UFRRJ, que se voltam para ações que aproximam ensino, pesquisa e extensão voltadas à luta pela terra na Baixada Fluminense.

Em 2020/2021, os estudos de Poesias da Terra voltaram-se à obra do Luiz Beltrame; em 2021/2022, à obra do Charles Trocate. Referente ao novo Biênio



2022/2023 revela-se na pesquisa, não somente a notoriedade da continuidade do estudo acerca das manifestações literárias através da poesia e a formas estéticas de representação da práxis dos movimentos sociais, como também um compromisso em obter um olhar profundo e cuidadoso para as produções literárias de mulheres camponesas relacionando-as ao cenário no qual estão inseridas e o cotidiano no campo.

É proposto um olhar sensível dessas manifestações com base em poesias de Diva Lopes, Ana Claudia Pessoa entre outras que estão presentes nas coletâneas literárias, como: “Versando Rebeldia” organizada pelo MST (2016). Numa análise bibliográfica com o objetivo principal de compreendê-las enquanto dimensão político-poética, de representação estética da práxis emancipatória das mulheres camponesas que a produzem.

Nesta perspectiva é possível citar dois pontos principais que nos levaram ao caminho da pesquisa atual focado nas mulheres do campo: 1º: pela compreensão de que as produções literárias podem contribuir não somente para uma memória coletiva das experiências, mas também ser território viabilizador de uma ruptura dos moldes capitalistas no qual distanciam o ser humano de uma prática emancipatória, dessa maneira, essenciais para a materialização das resistências camponesas. 2º: pela identificação do protagonismo das mulheres do campo nos movimentos de luta por terra, mesmo a elas sendo primariamente atribuídas aos papéis sociais subjugados, bem como serem excluídas de posições de poder e liderança em diversas esferas sociais, culturais, políticas e econômicas, resultado direto de uma cultura machista e patriarcal que no contexto campesino é profundamente arraigada.

No entanto, ao longo da história, as mulheres se opuseram ativamente a essa ordem opressiva e discriminatória por meio de movimentos feministas no campo ou agências delas individuais. Este processo desafia e dismantela as normas e estereótipos sexistas predominantes que as quiseram confinar à percepção de fragilidade, limitadas a responsabilidades domésticas não favorecendo o reconhecimento de seu papel como parte estruturante da produção da resistência coletiva do campo.

## **Metodologia**

A pesquisa que propomos é principalmente um estudo documental. Percorre as composições literárias de mulheres camponesas na forma de poesia. Tem por interesse analisar as complexidades, presentes na escrita destas poetisas, reconhecendo que habita em suas escritas método deliberado de organização e transmissão de memórias tradicionais que são reveladas através da experiência prática. É desenvolvido nas leituras destas poesias, hipóteses e debates nos encontros do GECEP.



Desta forma o estudo configura-se como pesquisa bibliográfica, em razão do enlace proposto entre a crítica da economia política e a manutenção da barbárie fabricada pela lógica capitalista atrelando-as com as obras literárias já citadas destas mulheres camponesas promovendo debates sobre questões caras a agroecologia e aos movimentos sociais que lutam pela terra que estão diretamente ligadas a questões de gênero, questões socioambientais e também com a própria concepção de literatura.

A luz de Antônio Cândido, quando traz a concepção de “literatura humanizadora” podemos estender esta ideia para enfatizar a necessidade de fabulação onde o mesmo expõe que a arte e a literatura é “[...] uma necessidade básica que não pode deixar de ser satisfeita sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora” (CÂNDIDO, 2004, p. 177)

A partir do debate mergulhamos na literatura destas mulheres compreendendo a possibilidade que a estética produzida tem de inventar novas formas de vida enraizadas na experiência das mesmas. É por conta da experiência vivida que essas poetisas camponesas possuem o condão da narrativa. Para isto, Walter Benjamin descreve a diferença entre narrar e informar:

O mérito da informação reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, [...] e, sem perda de tempo. Com a narrativa é diferente: ela não se exaure. Conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo. (BENJAMIN, 1983, p. 62)

As narrativas femininas são parte deste desdobramento atemporal de Benjamin. O estudo e leitura nos encontros do GECEP, que contam frequentemente com a participação de estudantes de cursos diversos realçam que o estudo da cultura popular e movimentos sociais, podem e devem ser ampliados para diversas áreas de conhecimento e que para além disso, são cruciais para possibilitar relações sustentáveis de vida.

## **Resultados e Discussão**

Ao longo deste biênio 2022/2023, aconteceram o II, III e IV Sarau de Poesias da Terra, como experiência formativa de culminância dos estudos que se desdobraram no GECEP e nos Laboratórios de Artes, Mídias e Linguagens II e III, do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC). Os saraus tiveram o apoio da Associação Erva Doce, que é uma experiência auto-organizada pelos estudantes na UFRRJ, desde os anos 1994, firmada nos princípios da autogestão, alimentação natural e economia solidária.

Realizamos a leitura de diversas poesias de mulheres do campo dialogando-as com outras formas de manifestações artísticas como criação de exposição de uma mandala composta por elementos que caracterizam temas agroecológicos e de auto-organização; leituras de crônicas e músicas e poesias que exprimem a luta



pela terra. É estendido o debate através do conhecimento das poesias e de um olhar voltado a riqueza narrativa, além da vivência com o sensível que a poesia proporciona e que ao mesmo tempo introduz a quem acessa, uma estética popular de resistência como parte da luta por equidade no âmbito agrário.

Outra participação que possibilitou novamente uma ampliação do objeto estudado foi a participação na organização da mística da Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária (JURA) na UFRRJ. Nesta experiência, estudantes que participavam do evento foram convidados a lerem as poesias de mulheres camponesas.

O estudo vem se ampliando e se reinventando na medida que avanços na leitura coletiva acontecem. Pensamos ser importante não somente citar as autoras, como também transpor alguns trechos de seus poemas para que a própria proposta da pesquisa se materialize, afinal nos importa a análise a partir da produção literária. Isto posto, faremos um breve passeio pelas literaturas começando por Vieira (2006) na 1ª estrofe do poema intitulado “Conspiração” de Ana Cláudia Pessoa:

Cheguem conheçam...  
Conspirem os oprimidos desta terra  
Que só o lixo restou,  
Olhem no espelho do tempo  
que a miséria bordou.  
Eis que da folha seca  
Brotou vida, brotou luz!  
Quem acredita, busca, permeia  
Traz outros pra ver  
Pra sentir, se emocionar, viver!  
E a terra fértil, da esperança plantada  
A terra-mãe agradecida  
Nos fornece em seus braços Doce guarita.  
(VIEIRA 2006, p.106)

Além deste, convidamos a leitura abaixo, do poema de estrofe única chamado “Placidez” da poeta camponesa Diva Lopes que se encontra na coletânea do MST (2016).

A chama ainda quente  
interrompe essa intolerável placidez;  
com fúria, desabafos e gemidos.  
Antecipo o infinito para mostrar-te  
o caos do agora e as cores ainda vivas da revolução  
(MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA,  
2016, p. 84)

É possível identificar nos poemas uma estética em comum que está atrelada a uma necessidade de dar nome ao que é profundamente experienciado por elas. Transpor, narrar o que cotidianamente se constrói, levando em consideração as especificidades do campo e do ser mulher. Não há nos poemas impressões





individualizadas, mas sim uma estética complexa que exprimem o anseio pela revolução que brota da terra, a luta por direito e equidade.

São parte de uma busca coletiva pela sobrevivência de formas de vida agroecológicas, comprometidas com relações sociais que plantam esperança na “terra fértil” de Ana Claudia na qual apresenta a aura transformadora de quem espera que a “doce guarita”, (ousamos dizer) seja a justiça social. Ainda sobre esta estética, Diva Lopes lembra da fúria pungente que antecede a revolução. Fúria esta que interrompe e se opõe a tranquilidade disfarçada de submissão e aceitação perante a barbárie.

Ainda sobre enfurecer, a poeta Adriana Novaes em sua poesia intitulada “Se um dia as mulheres se enfurecessem” traz a necessidade da fúria para tornar possível e pungente a revolução.

[...] Ah! Se um dia as mulheres sem enfurecessem,  
esrachariam todos os companheiros de luta,  
dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo  
disfarçado no discurso revolucionário.

[...] Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas,  
de todos os lugares, de todas as etnias,  
esmagariam todas as correntes da sua opressão.  
Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade.  
(MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA,  
2016, p. 84)

A questão de gênero dentro das análises das obras literárias é notoriamente destacada aqui como parte da complexidade da vivência destas mulheres camponesas. A poesia torna-se veículo potente para o reconhecimento, dentro das relações de gênero. Revela os percursos que levarão, de forma dialógica, a invenção de possibilidades composta por novas formas de relações entre os indivíduos.

## Conclusões

Atualmente, as impressões que podemos perceber com a pesquisa, é que estas mesmas mulheres que relatam a história, também são fazedoras desta história. As mesmas mulheres que revelam na poesia a profundidade e a intensidade da luta por terra são as que nesta lida da luta constroem, lideram e integram as estruturas dos movimentos de luta por terra. Elas promovem modelos sustentáveis pautados na agroecologia e apresentam suas demandas que também ajudam a materializar a práxis emancipatória. Suas poesias são terras férteis de narrativa, memória, denúncia e muito mais.

No processo de estudo surgiram perguntas: De que forma a produção literária quebra com paradigmas machistas dentro e fora das estruturas do movimento sem



terra?; Como a poesia dessas mulheres atravessam, recriam e refletem a luta agrária?; e Como se dá a atuação feminina num cenário de constantes transformações das relações entre gêneros?

Porém neste momento sabemos que embora caro, se trata de um tema amplamente munido de questões que não daremos conta de esgotá-las. Estamos interessadas, no entanto em minimamente iniciar debates que contemplem o tema e mais que soluções, descubram caminhos de discussão na perspectiva da agroecologia e da cultura popular. Encarando a poesia como água límpida, na qual surge das nascentes mulheres camponesas. Mulheres que rompem com as estruturas patriarcais machistas, com a cultura do agrotóxico e do agronegócio, com a perda das tradições ancestrais libertárias, com a perda de seus territórios.

### Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Textos Escolhidos. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1983

CALDART, Roseli Salete. **Sem terra com poesia: a arte de recriar a história**. São Paulo: Expressão Popular, 1987.

CASTRO, Luiz Beltrame de. **Sonhos com a Terra**. Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo. Araçatuba/SP. 2002

\_\_\_\_\_. **Sonhos com a Vida**. Expressão Popular. Araçatuba/SP. 2009

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas cidades; Ouro sobre azul, 2004.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Versando rebeldia**. Frente Palavras Rebeldes. Festival Nacional de Arte e Cultura da Reforma Agrária, Belo Horizonte, jul. 2016.

VIEIRA, E.R.P. **Primeira antologia da poesia e da música dos sem terra**. 2006. Mimeo.

TROCATE, Chales. **1993**. Marabá/PA: Expressão Popular, 2015.

\_\_\_\_\_. **Quando as armas falam, as musas calam?** Marabá/PA: Expressão Popular, 2017.

\_\_\_\_\_. **Búfalo Antigo - ou Gabriel e outras orquídeas no bolso**. Revista Poiésis, 2021.